



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

A CIRCULAÇÃO DA “FALA DE JAIR BOLSONARO”: O MAPA RIZOMÁTICO DE UM ACONTECIMENTO NA SOCIEDADE EM MEDIATIZAÇÃO

THE CIRCULATION OF “JAIR BOLSONARO’S SPEECH”: THE RHIZOMATIC MAP OF AN EVENT IN SOCIETY IN MEDIATIZATION

Diosana Frigo¹

Resumo: Considerando a ascensão das mídias digitais no contexto da mediatização, questionamos como ocorreu a circulação do acontecimento a “fala de Jair Bolsonaro” despontado na abertura do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff. Objetivamos mapear a circulação desse acontecimento nos portais de notícias e redes sociais online. Para tanto, procedemos ao rizoma de Deleuze e Guattari (1995) como inspiração metodológica e utilizamos as técnicas de pesquisa desenvolvidas na cartografia. Desse modo, observamos que a circulação da “fala de Jair Bolsonaro” é construída conforme o receptor passa adiante aquilo que recebeu. Isso nos permitiu concluir que a circulação da “fala” não se dá de forma estanque, mas que pode ser transformada conforme surjam novas simbolizações ou sentidos.

Palavras-chave: Acontecimento. Bolsonaro. Circulação. *Impeachment*. Mediatização.

Abstract: Considering the rise of digital media in the context of mediatization, we questioned how the circulation of the event occurred, the “speech of Jair Bolsonaro” that emerged in the opening of Dilma Rousseff’s impeachment process. We aim to map the circulation of this event in news portals and online social networks. For this, we proceeded to the rhizome of Deleuze and Guattari (1995) as methodological inspiration and we used the research techniques developed in cartography. In this way, we observe that the circulation of the “speech of Jair Bolsonaro” is constructed as the receiver passes on what he has received. This allowed us to conclude that the circulation of

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da Universidade Federal de Santa Maria (POSCOM/UFSM). Formada em Comunicação Social – Hab. Jornalismo pela UFSM e em Ciências Econômicas pela mesma instituição. E-mail: diosanafrigo@gmail.com



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

“speech” does not take place in a sealed form, but can be transformed as new symbolizations or senses emerge.

Keywords: Event. Bolsonaro. Circulation. Impeachment. Mediatization.

1.Introdução

Nas últimas décadas, tornaram-se evidentes as mudanças no campo midiático relacionadas ao crescimento das tecnologias digitais e essencialmente ao uso que fazemos delas. O ambiente da internet e, sobretudo, as ferramentas como as redes sociais eram mediadas em um primeiro momento pelo computador e atualmente a intensificação da sua expansão tem se dado pela utilização dos dispositivos móveis. Nesse contexto desafiador para a área e para as pesquisas em comunicação, há que se pensar ainda não só na existência de novos modos de interação que os meios possibilitam, mas, também, nos novos formatos na estruturação das práticas sociais na sociedade em mediatização, conforme Braga (2012) e Fausto Neto (2008).

Considerando esse cenário, questionamos como ocorreu a circulação do acontecimento da fala de Jair Bolsonaro, realizada no dia 17 de abril de 2016, durante a votação na Câmara dos Deputados do Brasil que aprovou a abertura do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff. Vale ressaltar que abordamos a fala de Jair Bolsonaro como um acontecimento a partir do viés proposto por Quéré (2005), pois compreendermos que ela possui um poder de revelação, já que realizada em um tempo presente, convoca um passado e abre horizontes de possíveis por meio da circulação de sentidos.

Dessa maneira, objetivamos mapear a circulação da “fala de Jair Bolsonaro” nos portais digitais de notícias e nas redes sociais logo após o pronunciamento na sessão da Câmara dos Deputados. Para tanto, procedemos ao rizoma de Deleuze e Guattari (1995), pois partimos do pressuposto que a circulação na sociedade em mediatização está próxima do que os autores denominam como rizoma. Dito isso, utilizamos as técnicas metodológicas da cartografia (rastreamento, toque, pouso e reconhecimento atento), sinalizadas por Kastrup (2007), para a coleta de dados que fará parte da construção



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

inicial do nosso mapa rizomático da circulação da “fala de Jair Bolsonaro” no cenário da mediatização.

Como pode ser visto, é frequente trazermos à tona que o rizoma é um processo em construção, sendo o mapa rizomático algo inicial. Em nosso caso, não só pela inspiração metodológica, como também pelo fato que este artigo é fruto de uma pesquisa de âmbito maior e, portanto, é construído com os dados coletados até o momento. Na nossa dissertação em andamento no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da Universidade Federal de Santa Maria (POSCOM/UFSM) também pesquisamos a circulação do acontecimento da fala de Jair Bolsonaro e, embora o mapa rizomático não apareça diretamente na pesquisa, nos auxilia na compreensão da circulação em sua totalidade.

Então, além da presente introdução e das considerações finais, o artigo conta com outras três partes. Na primeira delas, situamos brevemente a fala de Jair Bolsonaro como um acontecimento que mobiliza sentidos sobre a ditadura civil-militar brasileira (1964-1985) e trazemos alguns apontamentos sobre a circulação de sentidos na mediatização, enfatizando os novos vínculos estruturais entre receptores e produtores, que propiciam a participação ativa de ambos na narrativa dos acontecimentos. Posteriormente, abordamos alguns aspectos sobre as proposições de Deleuze e Guattari (1995) em relação ao rizoma, fazendo paralelos com o que consideramos a circulação de sentidos na sociedade em mediatização. Por último, apresentamos o processo de coleta de dados e a construção inicial do mapa da circulação da “fala de Jair Bolsonaro”.

2. O acontecimento a “fala de Jair Bolsonaro” e a circulação de sentidos na mediatização

No dia 17 de abril de 2016, a Câmara dos Deputados aprovou a abertura do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff à Presidência da República. Com o posicionamento dos 513 parlamentares, Dilma foi afastada do seu cargo com 367 votos a favor, 137 contra, sete abstenções e duas ausências (PORTAL PLANALTO, 2016). Durante a fala dos deputados, para justificar o voto sobre o crime de responsabilidade fiscal que embasou o pedido de *impeachment*, um dos casos mais polêmicos foi o do



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro, Jair Messias Bolsonaro, recentemente filiado ao Partido Social Liberal (PSL), que em seu um minuto de fala, afirmou:

[...] perderam em 64, perderam agora em 2016. Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula que o PT nunca teve, contra o comunismo, pela nossa liberdade, contra o Foro de São Paulo, pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, pelo exército de Caxias, pelas nossas forças armadas, por um Brasil acima de tudo e por Deus acima de todos, o meu voto é sim (BOLSONARO, 2016).

Como ponto de partida, vale ressaltar que situamos a fala de Jair Bolsonaro como um acontecimento que mobiliza sentidos sobre a ditadura civil-militar brasileira (1964-1985). Assim, temos como pressuposto que um acontecimento não está somente inscrito na ordem do que ocorre, mas, conforme proposto por Quéré (2005), de quando ele acontece e afeta a sociedade. Segundo o autor, há um poder de revelação do acontecimento: o passado e o seu contexto de inserção são compreendidos em função dos novos sentidos possibilitados por ele.

Dito isso, o acontecimento é o “ponto de encontro de uma atualidade e uma memória” (PÊCHEUX, 2008, p. 17) e a fala de Jair Bolsonaro revela um passado e abre possibilidades de futuros, sendo que uma e outra temporalidade, como vimos, contribuem para a própria constituição do acontecimento. França e Lopes (2016, p. 6), por sua vez, sinalizam que o acontecimento “faz emergir sentidos, discursos e simbolizações na busca de compreendê-lo, defini-lo, apreendê-lo e narrá-lo”, ainda, as pesquisadoras também apontam para a “movimentação de temporalidades”. Assim, corroboramos com França e Lopes (2016, p. 7) ao salientarem que “o acontecimento oferece ricos elementos teóricos para pesquisas que buscam indagar sobre os sentidos sociais produzidos e que circulam a partir de determinada ocorrência”.

Além disso, entendemos que o *impeachment* e conseqüentemente a fala do Bolsonaro está dada no cenário da mediatização, onde diversas lógicas ultrapassam o controle da produção jornalística assim como na recepção faz-se seguir adiante aquilo que se recebeu. Fausto Neto (2008) avalia que a mediatização não está situada somente nas tecnologias, mas na sua transformação em meios e nas apropriações das técnicas e



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

lógicas midiáticas, tanto por produtores como pelos receptores de discursos. Com os novos vínculos entre essas estruturas, elas tornam-se operadoras de sentidos na extensão da organização social, característica que era relacionada anteriormente apenas à produção. “A expansão da midiatização como um ambiente”, conforme Fausto Neto (2008, p. 93), propicia a todos estar no mesmo patamar, ou seja, produtores e receptores podem participar ativamente da narrativa dos acontecimentos. Por isso, para Braga (2012, p. 39), o importante é que o receptor “faz seguir adiante as reações ao que recebe”, desse modo, há um “fluxo adiante”. Braga (2012) salienta que isso acontece de várias formas, uma delas é a circulação manifestada nas redes sociais.

Dito isso, que a “fala de Jair Bolsonaro” ocorre no contexto da midiatização, investigaremos como ocorreu a circulação da “fala” nos meios digitais tendo como inspiração o rizoma de Deleuze e Guattari (1995). Compreendermos que a construção de um mapa rizomático aproxima-se da processualidade comunicacional da circulação na sociedade midiatizada. Para desenharmos o rizoma inicial da circulação da “fala”, utilizaremos as técnicas metodológicas da cartografia: o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento.

3. A circulação rizomática

Para Deleuze e Guattari (1995, p. 10), seja em um livro ou “em qualquer coisa, há linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação”. Assim é como percebemos a circulação no contexto da midiatização e, portanto, a circulação da “fala de Jair Bolsonaro” a partir de linhas que se articulam e linhas de fuga, com movimentos que ora permanecem, ora se desterritorializam e outras vezes multiplicam-se.

Para elucidar a nossa abordagem, nos arriscamos a olhar o processo de circulação analogamente ao que Deleuze e Guattari (1995, p. 12) consideram como raiz pivotante, já que quando se têm raízes pivotantes ao invés de uma árvore-raiz, as raízes – por serem pivotantes – constituem-se por “ramificação mais numerosa, lateral e circular, não dicotômica”. Mais uma vez, é assim o processo que se dá na circulação de sentidos: de forma múltipla, com linhas de articulação, sem necessariamente haver um



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

início ou um fim, pois cada vez que um receptor recebe tal acontecimento, por exemplo, passa adiante através do seu entendimento sobre os sentidos postos, ou seja, ramifica-se o que recebeu, fugindo da lógica binária que poderia ser considerada a árvore-raiz na relação produção-recepção no processo comunicacional. Nas palavras dos autores:

Isto quer dizer que este pensamento nunca compreendeu a multiplicidade: ele necessita de uma forte unidade principal, unidade que é suposta para chegar a duas, segundo um método espiritual. E do lado do objeto, segundo o método natural, pode-se sem dúvida passar diretamente do Uno a três, quatro ou cinco, mas sempre com a condição de dispor de uma forte unidade principal, a do pivô, que suporta as raízes secundárias (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 12).

Assim, não nos cabe fixar nossas análises de forma linear para algo tão complexo. É certo que ao abordar a “fala de Jair Bolsonaro” no âmbito da produção também teríamos uma multiplicidade inerente, contudo, estaria condicionada a uma única direção e quando “uma multiplicidade se encontra presa numa estrutura, seu crescimento é compensado por uma redução das leis de combinação” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 13). Dessa forma, perderíamos a riqueza processual e circular da “fala”, além de negligenciarmos as transformações tecnológicas, sociais e comunicacionais tangenciadas atualmente pela ambiência digital. Mesmo assim, vale dizer que esse sistema fasciculado ao qual nos referimos não rompe com o dualismo posto, ele existe, assim como existem receptores e produtores no campo midiático, só que na concepção rizomática, podemos dizer que são constantemente tensionados, permitindo que novas formas ou raízes axiais multipliquem-se a partir da sua própria extensão. Vejamos, a seguir, as características do que Deleuze e Guattari (1995) propõem como um rizoma.

1º e 2º - Princípios de conexão e de heterogeneidade: esses dois princípios basicamente nos trazem que qualquer ponto constitutivo de um rizoma pode e deve fazer conexão com qualquer outro do sistema rizomático. É a raiz pivotante em detrimento da árvore-raiz. Isso quer dizer que um rizoma jamais cessa suas conexões, está sempre remetendo a algo, seja organizações de poder, de resistências, enfim, qualquer coisa que caiba na complexidade abordada (DELEUZE e GUATTARI, 1995).



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

3º - Princípio de multiplicidade: de forma bastante simplificada, podemos traduzir esse princípio relacionando-o à estrutura do rizoma, isto é, as suas tramas que nada mais são que linhas conectadas a outras linhas que, por sua vez, formam outras dimensões em conexão com as primeiras e assim consecutivamente. Ainda, é a partir desse princípio que os autores argumentam a respeito do agenciamento e das linhas de fuga.

Um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões. Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas. [...] A linha de fuga marca, ao mesmo tempo: a realidade de um número de dimensões finitas que a multiplicidade preenche efetivamente; a impossibilidade de toda dimensão suplementar, sem que a multiplicidade se transforme segundo esta linha; a possibilidade e a necessidade de achatar todas estas multiplicidades sobre um mesmo plano de consistência ou de exterioridade, sejam quais forem suas dimensões (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 16-17).

Então, pode-se dizer que o agenciamento é o arranjo das linhas do rizoma conjuntamente com as linhas de fuga. Já, as linhas de fuga são linhas que parecem que estão saindo do rizoma, porém, quando conectadas a outras linhas, mantêm-se no rizoma formando novamente outras dimensões.

4º - Princípio de ruptura a-significante: significa que o “rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 17). Isso quer dizer que o rizoma tem linhas de segmentaridade e que é territorializado, bem como possui linhas de desterritorialização em que se pode fugir. Assim, Deleuze e Guattari (1995, p. 17) afirmam que há “ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. Estas linhas não param de se remeter umas às outras”. Em outras palavras, embora o rizoma tenha linhas de fuga, elas podem variar e produzir outras linhas até se reorganizar dentro do rizoma.

5º e 6º - Princípio de cartografia e de decalcomania: sobre esses princípios, entendemos que o rizoma é variável e não está moldado ou fixo. Ele está em constante



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

transformação e não faz parte de um modelo dado. Deleuze e Guattari (1995, p. 21) ratificam que ao construirmos um rizoma, devemos estar próximos de um mapa e não de um quadro ou decalque, já que um “mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente”. Nesse aspecto, os autores salientam que a característica mais importante do rizoma pode ser o fato de ele ter múltiplas entradas, sendo assim, podemos entrar a partir das linhas de fuga ou até pelos próprios decalques e operar novas conexões, já que o sistema rizomático é uma produção de inconscientes e de novas dimensões.

Destarte, em consonância com Deleuze e Guattari (1995), podemos dizer que, em resumo, as principais características de um rizoma estão alicerçadas no fato de que ele conecta uma linha a outra, mesmo que essas sejam de naturezas distintas. Além do mais, os autores corroboram que o rizoma é feito de dimensões que se movem e não de unidades fixas, sendo que não se tem começo nem fim, apenas um meio crescente. Outro elemento importante abordado pelos pesquisadores é que o rizoma não é uma estrutura definida por pontos ou lógicas binárias, ele é feito de linhas que podem ser de segmentaridade ou de fuga. Ainda, o rizoma deve ser visto com um mapa a ser construído a partir de movimentos de ir e vir, podendo ser modificável e não moldado em um quadro ou decalque (DELEUZE e GUATTARI, 1995).

Dito isso, os pesquisadores do rizoma abordam o conceito de platô. Deleuze e Guattari (1995) chamam de platô o que pode se multiplicar e estender o rizoma que, por sua vez, é formado de platôs. Ainda, os autores salientam que um platô não tem início e nem fim, porque está sempre no meio. Então, de acordo com Deleuze e Guattari (1995, p. 33) o platô “pode ser lido em qualquer posição e posto em relação com qualquer outro”.

Assim, nos interessa o rizoma de Deleuze e Guattari (1995) não no sentido de mera crítica às estruturas, conforme poderíamos apontar para a lógica binária entre produtor e receptor na sociedade dos meios. Entretanto, assim como relatam os autores, nos interessa pelo fato de que devemos pensar o mundo para além das estruturas e de forma dialética, a partir dos seus processos e das suas transformações, para nós, vale



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ressaltar, especialmente no campo midiático. Logo, vemos como limitante a estrutura dicotômica produção-recepção se partimos do pressuposto que estamos em uma sociedade em midiatização, em que a circulação de sentidos ultrapassa a lógica polarizada antes referida. Não há como analisarmos nosso objeto de pesquisa, que é a circulação do acontecimento da fala de Jair Bolsonaro, sem olharmos para a sua própria complexidade, o que nos aproxima de uma estrutura rizomática sugerida por Deleuze e Guattari (1995).

Então, tendo em vista formas não dicotômicas de enxergar o processo comunicacional, compreendemos que não nos basta estudar a “fala de Jair Bolsonaro” pelo viés da produção jornalística, por exemplo, já que necessitamos investigar a complexidade do todo, ou seja, o que a partir da “fala” dele passa a vibrar depois, o que a fala dele suscita e como esses sentidos circulam, logo, se estão em circularidade, quais as conexões que podem ser feitas na circulação inclusive com aquilo que parecia disperso ou óbvio. Assim, vamos conectando as partes até chegarmos ao mapa da circulação da “fala”. Entretanto, frisamos que o rizoma é um momento de reflexão e também vai ser determinado pela coleta de dados que temos até o momento, já que ele próprio não é uma estrutura fechada em si, assim como percebemos a circulação de sentidos no contexto da midiatização.

Dessa maneira, não pretendemos esgotar aqui o desenho rizomático da circulação da “fala de Jair Bolsonaro”, até porque nossa atenção não se volta para o produto final, mas ao processo em si, o que nos permite confirmar que esse exercício é a construção inicial da circulação da “fala” por meio de um rizoma, que não é um modelo dado, mas um mapa que está sempre produzindo tramas. É um processo que estende, rompe e reorganiza. No entanto, assumimos com Deleuze e Guattari (1995) que é tarefa difícil nos desvencilharmos da visão binária e perceber os enlaces ao invés dos pontos iniciais ou finais. Então, a seguir, buscaremos responder como circulou a fala de Jair Bolsonaro a partir da construção inicial do mapa rizomático da “fala”, assim, direcionaremos nosso olhar para as possíveis linhas de fuga, linhas segmentárias e platôs que formam agenciamentos identificados até o momento.



4. A construção do rizoma da circulação da “fala de Jair Bolsonaro”

Com a intenção de deixar nosso objeto de pesquisa falar e a fim de delinear o objeto ao invés de recortá-lo ou guardá-lo em caixinhas pré-estabelecidas, mapeamos a circulação da “fala de Jair Bolsonaro” nos meios digitais e construímos o que consideramos o rizoma em formação. Entretanto, não definimos de antemão tais espaços, eles afirmaram-se durante a investigação.

Com a pesquisa exploratória na mídia impressa e na mídia online sobre *impeachment* - que será detalhada no próximo item - percebemos algumas inferências que fazem parte das decisões tomadas. Uma delas é a opção somente pela mídia online, já que os fluxos de circulação de sentidos ocorrem predominantemente no meio digital. A partir disso, realizamos uma busca em ambientes de informação e de conteúdo no Google, principal empresa de serviços online no mundo, e no Facebook, principal site de rede social do Brasil. A partir dessa primeira busca na ambiência digital, outras inferências vieram à tona: percebemos como espaços de visibilização do *impeachment* especialmente a mídia tradicional e as redes sociais².

Assim, para que esse processo seja plausível de entendimento descritivo e visual, o dividimos em dois momentos: no primeiro deles abordamos os procedimentos metodológicos utilizados para a coleta de dados, posteriormente, seguimos com a construção do rizoma da circulação da “fala”.

4.1 A coleta de dados e as técnicas metodológicas

Para chegarmos à coleta de dados que temos atualmente, realizamos uma pesquisa exploratória, sendo o rastreamento a primeira técnica metodológica utilizada. Conforme denominação de Kastrup (2007, p. 18), “rastreamento é um gesto de varredura do campo. Pode-se dizer que a atenção que rastreia visa uma espécie de meta ou alvo móvel”. Assim, nesse passo inicial da pesquisa, entramos no que podemos chamar de campo do *impeachment* de Dilma Rousseff ou de forma mais específica, inserimo-nos na votação da Câmara dos Deputados que abriu o processo de impedimento, sem ainda

² Isso ficou mais evidente em nossa pesquisa de mestrado. Nela, além do Facebook, mobilizamos também a rede social Twitter.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

reconhecer o alvo a ser seguido. Na busca de pistas e signos de precessualidade (KASTRUP, 2007, p. 18) adentramos na mídia online e na impressa.

Assumimos que o rastreo não é uma busca de informações e que a atenção do que Kastrup (2007) chama de cartógrafo é aberta e inicialmente sem foco. Sendo assim, buscamos no Google o que se falava sobre a votação do dia 17 de abril de 2016, a partir das seguintes palavras “votação impeachment câmara”. Dentre os sites institucionais e os portais de notícias, destacamos que as notícias eram sobre a votação e o placar da mesma. Já, ao buscarmos nas redes sociais por “#impeachment”, encontramos postagens e comentários no Facebook que mencionavam diretamente o teor das falas dos deputados, seja com o propósito de defendê-las ou criticá-las.

Na busca na mídia impressa que realizamos a partir da técnica de rastreo, nos detemos ao jornalismo de revista, no entanto, já havíamos percebido algumas pistas na busca online, as quais tornavam a mídia impressa limitada ao que começávamos a tatear. Desse modo, partimos para a segunda técnica necessária à coleta de dados, que Kastrup (2007) considera como o toque.

Assim como Kastrup (2007), compreendemos que o toque é uma sensação rápida, mas que é o primeiro processo seletivo na pesquisa.

Algo se destaca e ganha relevo no conjunto, em princípio homogêneo, de elementos observados. [...] Algo acontece e exige atenção. O ambiente perceptivo traz uma mudança, evidenciando uma incongruência com a situação que é percebida até então como estável. É signo de que há um processo em curso, que requer uma atenção renovadamente concentrada. O que se destaca não é propriamente uma figura, mas uma rugosidade, um elemento heterogêneo (KASTRUP, 2007, p. 19).

Isso quer dizer que mesmo de forma involuntária, a nossa atenção foi orientada para as mídias digitais, já que elas abordavam o que estava acontecendo ao mesmo tempo em que os receptores têm mais possibilidades de participar da narrativa desses acontecimentos. Ainda, é interessante notar que, mesmo com os portais de notícias divulgando apenas o placar da votação, nos comentários podíamos ver que o debate centrava-se nos argumentos dos deputados, que votaram – quando favoráveis ao *impeachment* – em nome da liberdade, da família e de Deus, em um Estado considerado



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

laico. Em relação ao Facebook, diversas postagens e comentários eram direcionados especificamente para as falas dos deputados, muitos deles relacionados ao discurso de Jair Bolsonaro. Aqui, percebemos algo que poderia ser uma fonte de mudança sobre o que estava acontecendo e, novamente, frisamos a interferência do receptor que na ambiência da mediatização também opera sentidos no fluxo comunicacional.

Dito isso, passamos para a terceira técnica metodológica necessária à pesquisa, o pouso. “O gesto de pouso indica que a percepção, seja ela visual, auditiva ou outra, realiza uma parada e o campo se fecha, numa espécie de zoom. Um novo território se forma, o campo de observação se reconfigura. A atenção muda de escala” (KASTRUP, 2007, p. 19). Nesse momento, direcionamos nosso olhar especificamente para a fala do Bolsonaro no meio digital e decidimos fazer um movimento semelhante ao anterior: uma busca no Google com o intuito de abrangermos diferentes portais de notícias e uma busca na página oficial do deputado o qual pousamos nossa atenção.

Nessa parte da pesquisa exploratória, consideramos que estamos utilizando a quarta técnica metodológica proposta pela Kastrup (2007), que é o reconhecimento atento. Contudo, cabe ressaltar que esse quarto passo é inicial, já que corroborando com Kastrup (2007, p. 20) o “reconhecimento atento ocorre na forma de circuitos”. Não por menos, o rizoma não é fechado, mas um processo, sendo que nosso intuito é investigar o que está acontecendo e não simplesmente representar um objeto.

Então, iniciado o reconhecimento atento, identificamos que nos portais digitais a fala de Jair Bolsonaro foi enquadrada como uma declaração de voto banal entre tantas outras em que os deputados fizeram menção aos seus familiares ou as suas cidades, por exemplo. Até a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) ingressar com um pedido de cassação do mandato e de abertura de um processo penal contra o parlamentar, houve certo silenciamento no que tange ao Bolsonaro ter feito uma homenagem em rede nacional a um torturador e em um espaço amparado pela Constituição Federal. Posteriormente, os portais citaram o pedido da OAB e passaram a contextualizar quem foi Carlos Alberto Brilhante Ustra, contudo, apresentavam-no apenas como ex-coronel do Exército durante a ditadura, sem problematizar o abuso de poder ou a própria menção feita por Bolsonaro em relação a ele ser torturador da Dilma.



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Em contrapartida, vale ressaltar que no Facebook essa memória positiva da ditadura trazida à tona pela fala dele é enquadrada de outra maneira, como um crime, já que faz apologia à tortura. Percebemos, então, uma disputa de sentidos entre os portais online e outros setores da sociedade quanto ao enquadramento do acontecimento: se apenas mais um comentário favorável ao *impeachment* ou de caráter criminoso e contra os direitos humanos. Aqui, novamente, podemos perceber a inserção e interferência da recepção nas narrativas dos acontecimentos. Seja pelo fato de ao menos citarem Ustra na narração do acontecimento ou até pelo debate levantado nas redes sociais relacionado aos direitos humanos e que foi relatado pelos portais após o pedido de cassação e de abertura do processo penal realizado pela OAB.

Em relação à circulação da fala vista nos comentários dos portais online, há dissonância nas expressões. Há os que se posicionaram contrários ao Bolsonaro, bem como quem apoiasse o parlamentar para uma candidatura à presidência de 2018, assumindo uma visão favorável à ditadura e à tortura. Já na página oficial do deputado no Facebook, a fala reverberou positivamente entre seus seguidores. Isso se dava nas próprias postagens da página após a fala dele na abertura do *impeachment* como também nos comentários relacionados às postagens. Não por menos, no período anterior ao *impeachment*, em que Bolsonaro já participava das manifestações favoráveis à deposição de Dilma Rousseff, a página do deputado carioca cresceu 36% segundo Ferrari e Capelo (2016), ultrapassando em números absolutos a página da Dilma na época. Atualmente a página do parlamentar e pré-candidato às eleições presidenciais conta com 5.366.393 curtidas (FACEBOOK, 2018).

Até aqui, assinalamos que mesmo com o crescimento da repercussão positiva na página oficial do deputado, com a escolha de um enquadramento por parte dos portais digitais de forma a normalizar a fala do Bolsonaro como qualquer outra naquela votação não inserindo a mesma em resquícios herdados pela própria ditadura ou com a narração do acontecimento apontando para uma contextualização de quem foi Ustra tratando-o apenas como ex-coronel do Exército, houve momentos que a recepção tornou-se operadora de sentidos assim como a produção. Destaca-se a própria inserção da fala do Bolsonaro na ordem dos acontecimentos jornalísticos a partir da reverberação nas redes



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

sociais e na inclusão da OAB na narrativa, redirecionando como a fala circulou. A seguir, com essa coleta de dados realizada e de reflexões sobre ela, apresentamos o mapa da circulação da “fala” com seus agenciamentos até então.

4.2 O mapa

Embora saibamos que um rizoma não possui início nem fim e que devemos nos deter nos entremeios ou nas palavras de Deleuze e Guattari (1995, p. 36) o “rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser”, elegemos como ponto de partida a “fala de Jair Bolsonaro”. Essa escolha dá-se pela razão do nosso estudo e nos parece coerente começarmos por aí em detrimento de tantas outras opções possíveis.

Assim, em um primeiro momento, tendo em vista que a fala está inserida em algo maior que é o processo de *impeachment* que, por sua vez, está dentro de um macroacontecimento que é a ditadura-civil militar - conforme conceituação de Berger (2011) sobre o período -, percebemos como um platô da circulação a votação na Câmara dos Deputados que é onde o Bolsonaro faz o discurso. Ao momento da votação na Câmara temos uma linha segmentária aos portais digitais, que como vimos, embora em um primeiro momento tenham negligenciado o teor da fala do Bolsonaro, posteriormente assumiram a postura de ao menos comentar a questão. Em vista disso, de como após a entrada da OAB no acontecimento e a reverberação nas redes sociais modificou em partes a narrativa nos portais online, podemos dizer que as redes sociais são um platô central no processo de circulação da fala.

Dessa maneira, percebemos que mesmo os portais digitais tendo grande espaço de visibilidade na ambiência da midiatização, eles não foram os agentes determinantes na circulação da fala, perdendo espaço justamente para as redes sociais em que seus receptores passam adiante e em fluxo contínuo as percepções de um acontecimento. Aqui, podemos dizer que circulação de sentidos entre produtores e receptores é colocada no mesmo patamar, já que os próprios receptores passam a contribuir com a narrativa do acontecimento.



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

No nosso caso, a interferência na narrativa deu-se, como vimos, especialmente pelo Facebook, logo, temos um ponto de fuga, que ora parece que está saindo do rizoma, ora parece voltar e fazer parte de novos agenciamentos. A partir dessas novas estruturas entre receptor e produtor, que tem sido notória com a rede social Facebook, é que a circulação da fala se reorganiza. Sendo assim, poderíamos abrir na própria linha de fuga que consideramos o Facebook, uma nova linha de segmentaridade, pois há um novo agenciamento justamente por essa linha de fuga, que é quando os portais digitais passam a divulgar a fala do Bolsonaro mesmo que sem problematizar o passado mal resolvido mobilizado pela memória da ditadura civil-militar trazida à tona com a repercussão da fala no Facebook, inclusive do próprio Bolsonaro. Logo, os sentidos suscitados sobre a ditadura podem ser considerados mais uma linha de fuga. Vejamos, a seguir, o rizoma inicial da circulação da “fala de Jair Bolsonaro”.



Figura 1 – Rizoma da circulação da “fala de Jair Bolsonaro”

Fonte: Elaborado pela autora.

Figure 1 - Rhizome of the circulation of the “speech of Jair Bolsonaro”

Source: Prepared by the author.



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

Ainda, como pode ser visto, incluímos outros platôs os quais surgiram a partir da coleta de dados e conforme fomos desenvolvendo nosso mapa da circulação. Com o intuito de fazermos também uma pesquisa rizomática – sem, de forma alguma, deixar de lado o rigor científico necessário –, consideramos coerentes esses movimentos dialéticos na construção do rizoma inicial.

Por fim, podemos dizer que a última linha de fuga assinalada (memória da ditadura-civil militar) é o foco mais amplo da nossa pesquisa em desenvolvimento no mestrado e o que faz com que a fala de Jair Bolsonaro torne-se um acontecimento como tal. É nesse passado trazido à tona e nas possibilidades abertas pela própria constituição do acontecimento que acreditamos estar o cerne da pesquisa em desenvolvendo, relacionando a circulação da “fala de Jair Bolsonaro” e a mobilização de sentidos sobre a ditadura civil-militar brasileira.

Considerações finais

Conforme assinalamos durante os percursos anteriores, não é tarefa fácil percebermos o mundo ou, mais especificamente, fazermos pesquisa sem nos determos apenas nas dicotomias e dualidades, sem almejarmos o produto final ao invés de investirmos nas processualidades. Somos condicionados a isso, porém, não podemos deixar ser determinante. O mundo é complexo, a pesquisa é complexa, portanto, não devemos nos limitar às polarizações quando na realidade temos inúmeras linhas de fuga ou de segmentaridade para olharmos e analisarmos, diversos platôs que vibram incessantemente, às vezes ofuscando outros, criando e reorganizando novos agenciamentos.

Ao iniciarmos o artigo, não imaginávamos que uma das linhas de fuga do nosso rizoma inicial da circulação da “fala de Jair Bolsonaro” poderia estar na memória da ditadura-civil militar brasileira, algo que temos pesquisado para a dissertação de mestrado em andamento e que temos que problematizar ou até complexificar conforme os dados coletados, o momento estudado e as transformações comunicacionais. Esse é o meio ao qual devemos olhar. Os sentidos sobre a ditadura convocados pela “fala de Jair Bolsonaro” estão circunscritos ao poder de revelação do acontecimento. Algo acontece



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

no presente, traz à tona um passado, abre possibilidades de futuro e explica o próprio contexto brasileiro. Assim, no que tange à circulação da “fala”, a memória da ditadura, inicialmente, mostrou-se como uma linha de fuga à forma como os portais de notícias operavam os sentidos sociais em suas narrativas.

Outro ponto a ser destacado é o papel das redes sociais na circulação de sentidos, em especial a rede social Facebook. No cenário da mediatização, o enquadramento e a narração dos acontecimentos não estão apenas no controle da produção jornalística, já que agora os receptores estão no mesmo patamar dos produtores. Assim, a recepção faz seguir adiante aquilo que recebeu, participando ativamente do processo comunicacional, ou seja, nessa nova ambiência, os receptores tornam-se operadores de sentidos assim como os produtores. Se há algo que podemos especificar como o resultado da circulação da “fala” até o momento, é o próprio movimento de deslocamento realizado por esses fluxos da recepção.

Por fim, se consideramos que a circulação da “fala de Jair Bolsonaro” pode ser rizomática, então quer dizer que ela não se dá de forma estanque ou fechada. Isso nos permite concluir que, tal qual ocorre em um rizoma, o processo de circulação da “fala” é modificável conforme surjam novas simbolizações ou sentidos nos processos comunicacionais. O que nos faz, novamente, ratificar que o mapa que construímos é inicial e que devemos estar atentos aos meios em detrimento de um começo ou final da circulação da “fala”, ou seja, olharmos para as partes com o intuito de entendermos o todo complexo.

Referências

BERGER, C. 2011. Trajetória de vida e acontecimento: Simonal na ditadura. *In: LEAL, B.S.; ANTUNES, E.; VAZ, P.B. (orgs.). *Jornalismo e acontecimento: percursos metodológicos*. v. 2. Florianópolis, Insular, p. 145-165.*

BOLSONARO, J.M. 2016. Câmara dos Deputados do Brasil. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/#>. Acesso em: 13/03/2018.

BRAGA, J.L. 2012. Circuitos versus Campos Sociais. *In: MATTOS, M.Â.; JANOTTI JR, J.; JACKS, N. (orgs.). *Mediação e mediatização*. Salvador, EDUFBA; Brasília, COMPÓS, p. 31-52.*



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. 1995. Introdução. *In: Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. v. 1. Editora 34, 1ª Ed. p. 10-36.

FACEBOOK. 2018. Página oficial de Jair Messias Bolsonaro. Disponível em: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/>. Acesso em: 29/05/2018.

FAUSTO NETO, A. 2008. Fragmentos de uma analítica da mediatização. *Matrizes*, São Paulo, ECA/USP, 1(2):89-105.

FERRARI, B; CAPELO, R. 2016. O sobe e desce dos políticos no Facebook. Disponível em: <http://epoca.globo.com/vida/experiencias-digitais/noticia/2016/04/o-sobe-e-desce-dos-politicos-no-facebook.html>. Acesso em: 13/03/2018.

FRANÇA, V.V.; LOPES, S.C. Análise do acontecimento: possibilidades metodológicas. *In: Encontro Anual da Compós, XXV, Goiânia. Anais...* 2016.

KASTRUP, V. 2007. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. *Psicologia & Sociedade*, 19(1):15-22.

PÊCHEUX, M. 2008. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas, Pontes Editores, 5ª Ed.

PLANALTO, P. 2016. Michel Temer assume definitivamente a presidência e toma posse nesta quinta, 31. Disponível em: <http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-planalto/noticias/2016/08/michel-temer-assume-definitivamente-a-presidencia-e-toma-posse-nesta-quarta-31>. Acesso em: 13/03/2018.

QUÉRÉ, L. 2005. Entre o facto e sentido: a dualidade do acontecimento. *Trajectos, Revista de Comunicação, Cultura e Educação*, Lisboa, 3(6):59-75.